



Por que precisamos da Filosofia? Reflexões sobre os processos formativos nos Programas de Residência Multiprofissional

Cassio Andrade Machado¹
Lilian Alves Schmitt²

A Filosofia desempenha um papel fundamental nos processos formativos contribuindo de maneira significativa para o desenvolvimento intelectual, ético e crítico dos sujeitos. Como campo disciplinar oferece base conceitual para a formação acadêmica e profissional, proporcionando ferramentas essenciais para a compreensão do mundo e suas complexidades. Partimos da ideia de que a Filosofia é situada, exercida através das práticas filosóficas, sempre díspares, múltiplas, pois aterradas na vida e na sua diversidade.

Neste breve texto serão exploradas algumas das contribuições da Filosofia para a formação profissional, destacando-se as contribuições aos processos formativos de profissionais de saúde em Programas de Residência Multiprofissional bem como na trajetória dos estudantes do campo da Saúde.

O campo da Filosofia, Sociologia e humanidades em geral sofreu com duros ataques nos últimos anos no Brasil. Nussbaum (2015) em seu aclamado livro “*Sem fins lucrativos – Por que as democracias precisam das humanidades*” expõe argumento relevante para explicar o motivo pelo qual tais áreas historicamente sofrem tantos cortes e vilipêndios em governos alinhados ao fascismo: a manutenção da democracia precisa das humanidades. Embora possamos estabelecer críticas ao formato da democracia representativa, tal modelo tem sido o arranjo plausível a que chegamos como humanidade, modelo pelo qual muitos de nós temos lutado. Em um estado democrático as noções filosóficas/conceitos de pluralidade, diferença e plausibilidade do(s) outro(s) são fundantes. O arranjo democrático só é possível a partir da operação de tais ideias. E o exercício reflexivo a partir das práticas filosóficas tornam-se fundamentais para tal operação.

Importante ressaltar que as ideias de pluralidade, diferença e plausibilidade do outro relacionam-se aos documentos normativos do currículo de nosso país. A começar pela base, nas Diretrizes Nacionais Curriculares da Educação Básica (Brasil, 2010), que ao destacarem que a escola é também

¹ Bacharel (PUCRS) e Licenciado (UFRGS) em Psicologia, especialista em Práticas Pedagógicas em Serviços de Saúde (UFRGS) e Residência em Saúde da Família e Comunidade (GHC). Mestrando em Ciências da Saúde (UFCSPA). Atua como Técnico em Educação no GHC.
<https://orcid.org/0000-0002-7658-0211>
<http://lattes.cnpq.br/1408118763899085>
mcassio@ghc.com.br

² Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora e Pesquisadora. Realiza estágio de pós-doutorado na Escola de Humanidades - PPGEdU/PUCRS - Linha de Pesquisas Teóricas e Culturas em Educação e Grupo de Pesquisa Educação, Gênero e Trabalho Artesanal - Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCRS.
<https://orcid.org/0000-0002-5136-297111>
<http://lattes.cnpq.br/67329648777718800>
lilian.schmitt@gmail.com

território de “desencontro de expectativas” dá lugar a esta discussão, mostrando que há muitas formas de entender o processo de escolarização e que tais formas estão impregnadas da realidade de cada território.

Tal noção relaciona-se à ideia de educação permanente da Política de Formação e Desenvolvimento para o SUS (Brasil, 2004). A partir desta Política, a educação permanente é compreendida como “parte do pressuposto da aprendizagem significativa (que promove e produz sentidos)” e que “propõe que a transformação das práticas profissionais deva estar baseada na reflexão crítica sobre as práticas reais de profissionais reais em ação na rede de serviços”. Assim, compreende-se a ideia de que a educação está situada, emaranhada em uma teia de relações sobre as quais a Filosofia nos convida a refletir.

A formação profissional não compreende apenas a transmissão de conhecimentos e práticas, mas também se relaciona à noção de formar sujeitos para questionar, analisar e avaliar as informações de maneira independente. A Política de Formação e Desenvolvimento para o SUS (Brasil, 2004) descreve o caráter necessário às práticas educativas enfatizando que os processos de capacitação do pessoal da saúde precisam estar pautados pela:

problematização do seu processo de trabalho e que tenham como objetivo a transformação das práticas profissionais e da própria organização do trabalho, tomando como referência as necessidades de saúde das pessoas e das populações, da gestão setorial e do controle social em saúde (Brasil, 2004, p. 10).

As práticas filosóficas estimulam a problematização e o pensamento crítico necessários à mudança referida na Política de Formação. Foucault (2010) destaca que a filosofia nos leva a “pensar o presente”. Pensar o presente significa dar-se conta da realidade em que nos situamos, compreendendo os *quês, quais e poréns* que nos levam a ocupar as posições que ocupamos – em termos individuais e coletivos. Pensar o presente, para este filósofo, tem a ver com estabelecer relações entre as condições históricas, materiais, socioculturais que garantem ou não a possibilidade de existência e de criação de novos futuros.

O campo da Filosofia pode contribuir ensinando a formular argumentos fundamentados, a identificar falácias lógicas - *fakes* de toda ordem - e a pensar de forma rigorosa. Tais habilidades são necessárias em qualquer campo acadêmico e profissional, gerando a possibilidade de que os indivíduos tomem decisões e resolvam problemas complexos, tanto no campo da vida privada quanto pública.

Outra importante contribuição da Filosofia é a formação ética. Hermann (2010) destaca que a ética é a “aprendizagem da arte de viver” e reitera que a Filosofia ao nos levar na direção da reflexão sobre a condição humana, auxilia a formação do humano. No ensino em serviço os estudantes/residentes são expostos a uma variedade de dilemas éticos em suas áreas de estudo, como em poucas outras experiências se faz possível. Residentes de diferentes núcleos profissionais são interpelados



por incontáveis tipos de dilemas ao depararem-se muitas vezes com suas primeiras incursões em Unidades de Saúde, Emergências, Unidades de Tratamento Intensivo, salas de parto, leitos de Cuidados Paliativos, domicílios de usuários e escolas nos territórios, entre tantos outros espaços possíveis de produção de cuidado. A reflexão filosófica fornece um quadro conceitual relevante para analisar questões morais e éticas, colaborando com os residentes e preceptores no desenvolvimento de um senso de responsabilidade social e ética.

Outro ponto relevante é que a Filosofia pode nos levar a uma busca interminável pelo conhecimento e compreensão, pois intermináveis são os dilemas humanos em um mundo em profusão de transformações. Tal busca foi definida por Foucault (2010) como “hiperativismo pessimista”. Essa posição de um “hiperativismo pessimista” nos blinda contra uma apatia e nos conduz também ao exercício do pensamento como experimentação, da análise das implicações do que fazemos e de como nos posicionamos. Ser um *hiperativista pessimista* compreende entender que as questões sociais são dadas por arranjos políticos, e que nunca há um “final feliz”, mas sim, um eterno exercício de articulação política em torno da validação das ideias. Uma tentativa de torná-las hegemônicas.

Assim sendo, a Filosofia - entendida como prática - incentiva a busca pelo conhecimento podendo estimular os residentes a explorarem questões fundamentais, como a natureza da realidade, a existência, a verdade e o propósito da vida. Essa busca pelo saber pode ajudar a desenvolver uma mente curiosa e a apreciar a complexidade do mundo, habilidades desejosas e fundamentais aos profissionais da saúde, pois é justo a perplexidade com o mundo e a noção de inacabamento que move a ciência - e também assim as ciências da saúde.

A filósofa da ciência, Isabelle Stengers (2023) retoma tal ideia em seu livro “*Uma outra ciência é possível*”, nele a autora reitera que o estudo da Filosofia é essencial à formação ética dos estudantes de diferentes profissões, enfatizando o entendimento de que a reflexão filosófica nos prepara para enfrentar desafios intelectuais.

A prática filosófica também desempenha um papel importante na promoção do diálogo interdisciplinar, tão caro entre as profissões implicadas no cuidado. Ela serve como conectivo entre as diferentes disciplinas, auxiliando os profissionais a realizarem relações entre áreas de conhecimento aparentemente distintas. Tal exercício enriquece a experiência profissional, estimula a criatividade e contribui para a formação humana integral. Importante salientar que a importância da prática filosófica não está restrita ao caminho formativo dos residentes, mas também necessária ao ofício dos preceptores. Com Arendt (2016) entendemos aqui que a educação se relaciona com aprender a responsabilizar-se sobre/com o mundo. Em um paralelo, o preceptor, no contexto da Residência, media processos de aprendizagem que envolvem a construção de responsabilidade sobre um mundo singular - o mundo do cuidado em saúde. Tal mediação depende de sua autoridade e:

embora certa qualificação seja indispensável para a autoridade, a qualificação, por maior que seja, nunca engendra por si só autoridade. A qualificação



do professor consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir os outros acerca deste, porém sua autoridade se assenta na responsabilidade que ele assume por este mundo (Arendt, 2016, p. 142).

Responsabilizar-se envolve pensar sobre o mundo, rever práticas, reexaminar pensamentos, entender seus próprios limites e os limites institucionais, tentar - a partir das lutas individuais e coletivas - transpor os desafios, criar alternativas. A prática filosófica favorece estes exercícios quando nos referimos ao papel do/a preceptor(a).

Por fim, o exercício filosófico pode auxiliar no desenvolvimento das habilidades de comunicação. A capacidade de expressar ideias de forma persuasiva e compreensível é essencial na vida profissional. Através do estudo da Filosofia, é possível aprimorar habilidades de escrita e também argumentação, o que é desejável na formação de profissionais, residentes e estudantes que muitas vezes orientam seu desejo e atenção para expressão de outras linguagens, mas que em contrapartida precisam sim realizar o exercício das habilidades de escrita e comunicação, partindo do entendimento de que não se pode cuidar senão em relação com o outro.

Por todos os motivos até então compartilhados, as recentes movimentações sobre a redução de espaços ligados às humanidades na formação em saúde vividas nos últimos anos são não só um ataque à qualidade dessa formação, mas um ataque às condições de possibilidade da democracia. A prática filosófica desempenha um papel crucial nos processos formativos, contribuindo para o desenvolvimento de sujeitos críticos, éticos e reflexivos. Enriquece a experiência educacional em distintos espaços e prepara profissionais para enfrentar os desafios complexos do mundo contemporâneo. Portanto, é importante valorizar e promover a reflexão filosófica como parte integrante do currículo na formação de profissionais de saúde.

E como fazer este movimento? Advogamos pela atenção aos encontros, compreendendo que a educação, assim como o cuidado, se faz no encontro (Merhy, 2003), e que os ditos “momentos curriculares na formação” tais como seminários, palestras e disciplinas são oportunidades de escuta, questionamento aberto e - talvez - transformação. Defendemos o imprevisto rigoroso da abertura aos encontros, considerando - no planejamento também rigoroso das ações pedagógicas - que o disparo das perguntas bem colocadas, mais do que das respostas, auxiliam na produção de distintos sentidos para o vivido nas práticas de trabalho. A pergunta incomoda muita gente. A prática filosófica incomoda muito mais. O currículo, assim, precisa das perguntas e da Filosofia, pois precisa incomodar. Incômodo para desacomodar e formar. Se as teorias do campo educacional nos ensinam sobre a noção de disputa inerente à construção dos currículos, precisamos olhar de modo dedicado para o que temos priorizado na ocupação destes espaços curriculares.

A valorização da prática filosófica como componente que constitui o currículo de formação em saúde tem a ver não apenas com a “formação qualificada”, “de excelência” para o Sistema Único de Saúde, mas com a manutenção do estado democrático de direito, de suas políticas públicas (em edu-



cação e saúde) e com a tentativa de produção de um mundo menos desigual.

Referências

ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

BRASIL. Portaria n. 198 GM/MS, de 13 de fevereiro de 2004b. Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF: seção 1, p. 37-41, 16 fev. 2004. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pol_formacao_desenv.pdf. Acesso em: 12 fev. 2024.

BRASIL. Senado Federal. *Lei de diretrizes e bases da educação nacional*. Brasília, DF: Senado Federal, 2005. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/70320>. Acesso em: 2 out. 2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 4, de 13 de julho de 2010. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF: seção 1, p. 824, 14 jul. 2010.

FOUCAULT, Michel. *Conversa com Michel Foucault. Repensar a política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. V. 4. (Trabalho original publicado em 1980).

HERMANN, Nadja. *Autocriação e horizonte comum: ensaios sobre educação ético-estética*. Ijuí: Unijuí, 2010.

MERHY, Emerson Elias; BATISTA, Franco Túlio. Por uma composição técnica do trabalho em saúde centrada no campo relacional e nas tecnologias leves: apontando mudanças para os modelos tecnoassistenciais. *Saúde Debate*, Londrina, v. 27, n. 65, p. 316-23, 2003. Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2023/05/676242/v27-n65-setdez-2003-12a-conferencia-nacional-de-saude-sergio-ar_DGKxlyw.pdf. Acesso em: 2 out. 2023.

NUSSBAUM, Martha. *Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades*. Porto Alegre: WMF Martins Fontes, 2015.

STENGERS, Isabelle. Outra ciência é possível! Manifesto por uma desaceleração das ciências. [S.l.]: Bazar do Tempo, 2023.

Editor responsável: Daniel Demétrio Faustino-Silva

Como referenciar este artigo (ABNT):

MACHADO, Cassio Andrade; SCHMITT, Lilian Alves. Por que precisamos de Filosofia?: Reflexões para pensar processos formativos nos Programas de Residência Multiprofissional. *Cadernos de Ensino e Pesquisa em Saúde*, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 07-11, 2024.

